

## A COMUNICAÇÃO SEGUNDO NIKLAS LUHMANN: UMA IDEIA SURPREENDENTE

PIGNULLI OCAMPO, Sergio  
Pesquisador Adjunto  
(CONICET). Professor Adjunto  
(UBA – Argentina).  
spignuoli@conicet.gov.ar  
orcid.org/0000-0002-9918-0931



### Resumo

O trabalho introduz o conceito sociológico de comunicação elaborado por Niklas Luhmann por meio de um diálogo crítico com as noções prévias e os conceitos de divulgação mais difundidos no campo das telecomunicações. O texto apresenta as características teóricas distintivas do conceito, explora suas diferenças em relação a outras perspectivas sociológicas e examina sua relevância no esquema de diferenciação social proposto pelo autor.

### Palavras-chave

comunicação; teoria dos sistemas sociais; tecnologias da comunicação.

.....  
Submetido em: 09/03/2026  
Autor convidado

## COMMUNICATION BY NIKLAS LUHMANN: A SURPRISING IDEA

### **Abstract**

This paper aims to introduce Niklas Luhmann's sociological concept of communication through a critical dialogue with previous notions and the most widespread concepts of dissemination in telecommunications. The text presents the concept's distinctive theoretical characteristics, explores how it differs from other sociological perspectives, and examines its relevance to the author's proposed scheme of social differentiation.

### **Keywords**

communication; social systems theory; technologies of communication.

## 1 INTRODUÇÃO: A RADICALIDADE DE UM CONCEITO

A palavra "comunicação" nos faz pensar logo em uma sucessão de imagens de dispositivos de telecomunicações. Atualmente, predominam nessa sucessão de imagens dispositivos móveis, como celulares, tablets e notebooks, além de logotipos de Wi-Fi ou Bluetooth. Essa sucessão de imagens, no entanto, tem sua própria história e mudou ao longo dos anos.

Há pouco tempo, a menção da mesma palavra também trazia à nossa mente imagens de dispositivos, mas não esses mesmos — pois ainda não haviam sido inventados —, e sim outros, como computadores de mesa, scanners, cabos de fibra ótica, bipes e outros logotipos, como o sinal de arroba. E a história não termina aqui.

Se remontarmos no tempo, veremos que a associação entre a palavra comunicação e as imagens de dispositivos de telecomunicação continua funcionando. Há algum tempo, teríamos imaginado o fax e os satélites artificiais. Se remontássemos ainda mais no tempo, teriam predominado imagens de telefones fixos com botões e televisão a cores. Antes deles, os telefones fixos com disco e os televisores em preto e branco. Ainda mais atrás: os radiotransmissores, os telefones de parede domésticos, os jornais e as revistas. E assim sucessivamente, até chegarmos aproximadamente ao início do século XX e ao final do século XIX.

A tendência é clara: a ideia de comunicação está associada às telecomunicações e às tecnologias que a tornam possível de maneira mutável. Outra maneira de verificar isso é abrir o navegador de internet favorito, digitar a palavra "comunicação" e fazer uma pesquisa de imagens associadas a ela. O resultado será o mesmo: comunicação e dispositivos tecnológicos de telecomunicação estarão fortemente associados.

Em seu livro *Sistemas sociais*, publicado na Alemanha Federal em 1984, o sociólogo Niklas Luhmann fez uma proposta inovadora para as disciplinas dedicadas à pesquisa

social, como a antropologia, a mediologia, a psicologia, as ciências do direito, as ciências econômicas e a sociologia. Muitas vezes, dizia-se que os textos do autor eram difíceis e complexos. Na verdade, essa impressão nem sempre é infundada. No entanto, apesar das dificuldades que a leitura pode apresentar, o núcleo da maioria das propostas de Luhmann é simples. Elas contêm todo o poder de uma fórmula e a força de uma ideia clara e distinta. A concepção de comunicação exposta naquele livro não é uma exceção. Segundo Luhmann, as relações sociais são comunicações.

O costume de associar comunicação a telecomunicação pode ajudar a compreender rapidamente essa ideia revolucionária de Luhmann. As tecnologias da comunicação nos ajudam a nos relacionar com outras pessoas e fazem com que elas também se relacionem conosco. Além disso, as tecnologias da comunicação nos aproximam de pessoas distantes e tornam os intercâmbios mais frequentes.

É comum também dizer que as telecomunicações nos afastam das pessoas próximas e tornam os contatos pessoais pouco frequentes. De qualquer forma, a associação entre comunicação e telecomunicação nos aproxima da abordagem de Luhmann sobre o tema. No entanto, é recomendável ter cautela com essa associação, pois ela tem dois lados. A ideia central do sociólogo alemão vai além dessa associação. Seu conceito não se limita a apontar que as tecnologias de telecomunicações estão integradas à nossa vida social e ao mundo compartilhado com nossos semelhantes. Ele também não se contenta em forçar a associação a tal ponto de afirmar que, em toda relação social, há tecnologias envolvidas. O conceito de comunicação de Luhmann é muito mais amplo e profundo.

Para Luhmann, as relações sociais são comunicações, mais precisamente: toda relação social é uma comunicação. Vale a pena reiterá-lo e esclarecê-lo para destacar a originalidade da abordagem: toda relação social tem a forma de comunicação num meio de sentido.

Ao ser afirmado que toda relação social é comunicação, outras visões e definições das relações sociais são deslocadas. Algumas dessas visões são amplamente difundidas. Vejamos alguns exemplos dos antagonismos levantados pelo conceito. Se toda relação social é comunicação, então nenhuma relação social consiste em ações das pessoas, por mais coordenadas que sejam, ou por mais cooperativas ou egoístas que pretendam ser. A razão é simples: a natureza das ações é incongruente com a natureza das relações sociais. A natureza de toda ação é individual, ao passo que a natureza de toda comunicação não é, pois é dialógica ou diádica. Não há e não pode haver comunicação individual. Ninguém se comunica consigo mesmo, por mais capacidade reflexiva e cognitiva que tenha. A comunicação é dialógica ou diádica porque nos comunicamos com os outros, e os outros se comunicam entre si; nós somos os outros deles.

Vejamos outro exemplo. Se toda relação social é comunicação, nenhuma relação social pressupõe contratos sociais, integrações normativas ou valorativas. A razão é simples: a natureza do contrato social, da integração normativa ou valorativa não é congruente com a natureza da comunicação. A natureza jusnaturalista dos contratos sociais e a natureza consensual das integrações normativas ou valorativas pressupõem um momento fundador hipotético, histórico e/ou cultural da vida em comum no mundo social. No entanto, trata-se de um momento tão fundamental quanto inacessível. Sempre que tentamos identificá-lo e compreendê-lo com entusiasmo arqueológico ou filosófico, de modo a estudar a origem das relações sociais, a narrativa desse momento remete-nos para um momento anterior. No entanto, se fizermos um novo esforço nesse sentido e tentarmos remontar até ele para estabelecer esse momento anterior, somos novamente remetidos para outro momento ainda mais pretérito. E assim, em regressão ao infinito, não há como determinar o que é o social das relações sociais. Por outro lado, a natureza de toda comunicação não é fundacional nem pressupõe uma fundação prévia, pois não existe uma vida social das pessoas anterior ou prévia à comunicação. Não há nem pode

haver mundo social anterior à comunicação ou à vida social. Afirmar o contrário significaria uma forma de relação social não comunicativa ou de comunicação não social, além de uma teoria da transição de uma forma de relação social para outra. Que momento não social ou com uma socialidade natural seria esse?

A comunicação, em suma, funda a comunicação e nada mais. Não há uma ordem social prévia que ela reproduza. Antes de uma relação de natureza social, há apenas outra relação de natureza social, ou, nas palavras do autor, antes de uma comunicação, há apenas outra comunicação. A socialidade humana não é dual, nem uma trindade, nem múltipla; muito menos existe uma pluralidade de socialidades. Ela é única, e o conceito de comunicação é responsável por expô-la e explicá-la.

## 2 VARIAÇÕES DE LUHMANN: O QUE É UMA COMUNICAÇÃO?

A questão da natureza do social nos coloca diante da radicalidade da ideia, pois não há individualismo ou holismo suficientes para reduzi-la. No entanto, na pesquisa social, isso pode ser apenas uma verdade de Sócrates, e a ideia de Niklas Luhmann poderia ser vista como mais uma entre outras possíveis, sem maior particularidade. Curiosamente, é nesse campo que o conceito de comunicação do autor mostra plenamente sua radicalidade. Ela melhora algumas ideias semelhantes que já circulavam na pesquisa social, como a ideia de ação comunicativa de Jürgen Habermas em sua Teoria da Ação Comunicativa, a ideia de discurso da sociolinguística e da análise do discurso, ou a ideia de linguagem de vários autores jovens que se tornariam famosos, como Anthony Giddens e Pierre Bourdieu. No entanto, o segredo da abordagem de Luhmann não reside apenas na técnica empregada por ele para definir conceitualmente a comunicação, mas no lugar onde ele a coloca. Diferentemente das demais abordagens teóricas com pretensões

inovadoras, Luhmann colocou a comunicação no centro da unidade de análise da sociologia e da pesquisa social.

Desde seus primeiros escritos até seus livros mais maduros, a palavra "comunicação" aparece em toda a obra de Luhmann. No entanto, o autor não a considerou sempre da mesma maneira. Um exemplo dessas mudanças de concepção está na relação entre comunicação e transmissão. Como se sabe, no livro *Sistemas sociais*, Luhmann criticou duramente a metáfora da transmissão, pois ela foca no emissor, cosifica a informação e é excessivamente ontológica. Em contrapartida, ele sustentou que a comunicação, quando entendida sociologicamente, não pode ser entendida como transmissão.

No final dos anos 1960, no entanto, Luhmann afirmava que a comunicação é um componente central da teoria da sociedade, pois permite acessar o problema da generalização simbólica vislumbrado por Parsons: como o dinheiro, o poder, a verdade ou o amor se constituem em símbolos que transcendem as interações e ordenam, simultaneamente, expectativas localizadas de forma diversa em torno da escassez, das decisões vinculativas, do saber ou da intimidade. Parsons denominou esses símbolos generalizados de "meios de troca", enquanto Luhmann, na época, os chamava de "meios de transmissão" (*Übertragungsmedien*). Esses meios transmitem as expectativas associadas aos símbolos generalizados. Essa primeira denominação só seria modificada em meados da década de 1970, quando passaram a ser chamados de "meios de comunicação" (*Kommunikationsmedien*). Esse exemplo nos ajuda a mostrar que Luhmann concebia a comunicação de várias maneiras, de modo que seu conceito pode mudar dependendo da obra que se ler. Portanto, a exposição a seguir não se aplica a toda a obra de Luhmann, mas apenas ao período que se inicia com a publicação de *Sistemas sociais*, em 1984.

### 3 A COMUNICAÇÃO COMO UNIDADE DE UM TIPO DE RELAÇÃO

Como última preparação antes de introduzir a definição, convém esclarecer um aspecto geral da definição oferecida por Luhmann em *Sistemas sociais*, a saber: que tipo de unidade é a comunicação e se existem outras unidades.

A unidade da comunicação é a unidade de uma operação. Embora essa frase seja fácil de pronunciar e memorizar, o conceito que a sustenta não é. Para compreendê-lo, é necessário ter em mente algumas características do conceito de complexidade proposto pelo autor. Em sistemas sociais, a complexidade tem duas definições. As características de que precisamos estão contidas na primeira.

Luhmann indica que a complexidade é seleção. Seleção no sentido de que existem entidades no mundo que não podem manter ativos todos os seus elementos e todas as suas relações ao mesmo tempo, de modo que cada um de seus estados atuais, cada momento presente dessas entidades, é produto de uma seleção de determinados elementos e de determinadas relações, e não de todos os elementos e de todas as relações possíveis. Além disso, essas entidades não estão depositadas em um meio etéreo e eterno, mas no mundo, e, portanto, no tempo.

Se não houver geração contínua de novas seleções conectadas às anteriores, tais entidades se extinguem. Assim, cada seleção, cada momento atual, cada presente dessas entidades tem uma duração, e o tempo pressiona para que uma nova seleção seja feita e se encaixe com a anterior, a fim de que não haja extinção. É claro que a definição tem inúmeros aspectos ricos e significativos para os mais diversos campos científicos. Não podemos abordá-los todos aqui, mas a seguinte característica é relevante: o presente ou momento atual é uma seleção, uma operação. Isso significa que, no mundo da complexidade, o presente nunca é uma coisa, nunca é um elemento último que constrói a realidade do mundo, mas uma operação de curta duração. Portanto, a unidade da comunicação é a

unidade de uma operação, ou seja, a unidade de um tipo específico de relação. Nada mais e nada menos. Ela não é a unidade materialmente concreta de uma coisa ou idealmente delimitada de um objeto. Também não é a unidade indivisível de um elemento último que constrói a realidade, à maneira do modelo atômico de Niels Bohr. A unidade operacional não é corpuscular e não é dada eternamente. Sua unidade é ontologicamente fraca porque é precária e durativa. Ela carece de garantias últimas: a comunicação pode deixar de se encaixar repentinamente, e o universo continuaria praticamente o mesmo.

Nas palavras de Niklas Luhmann, a comunicação é uma operação. Ou seja, um evento emergente de complexidade temporalizada.

- É um evento porque ocorre no tempo, e não no vácuo.
- É emergente porque pressupõe os diferentes níveis de legalidade nomológica do universo (termodinâmica, física, química, bioquímica e psíquica), mas sua qualidade não se deduz deles.
- É complexa porque é uma seleção de determinados elementos e determinadas relações possíveis entre outras possíveis.
- É temporalizado por ter aspecto durativo e sua única função é abrir provisoriamente um horizonte de conexões ulteriores. Se a conexão não ocorrer, a comunicação se extingue, pois, possui natureza provisória.

A comunicação será a única unidade operacional existente? A resposta de Luhmann é clara: não, de forma alguma. Os processos celulares são as unidades operacionais dos seres vivos. Já os processos perceptivos ou os pensamentos são as unidades operacionais da consciência dos sistemas psíquicos (Luhmann, 2005, p. 17). Isso significa que a comunicação é equivalente quando se trata de células biológicas e de pensamentos? A resposta, mais uma vez, é clara: sim e não. São equivalentes em um sentido específico: as células, os pensamentos e as comunicações são operações de entidades complexas: as células, dos seres vivos; os pensamentos, das consciências e, as comunicações, dos sistemas sociais. No entanto, não são equivalentes quando se trata da unidade operacional das células, dos pensamentos e das comunicações, aqui são tipos distintos e irreduzíveis entre si.

As células, conforme nos ensinaram Humberto Maturana e Francisco Varela (2003), encontram sua unidade operacional na dinâmica circular que reproduz a membrana celular, graças aos processos moleculares envolvidos. As consciências, segundo Husserl, encontram sua unidade operacional na dinâmica consciente de atribuir, passiva ou ativamente, sentido aos objetos que a consciência enfrenta como distintos de si mesma. As comunicações, por fim, segundo Luhmann, encontram sua unidade operacional na dinâmica comunicativa de sintetizar as seleções de informação, compartilhar (essa informação) e compreender (o compartilhar dessa informação). Em suma, células, consciências e comunicações são equivalentes em termos de operações, mas diferentes em termos de tipos de relações distintas. O tipo de relação das células é biológico, o das consciências, psíquico, e o das comunicações, social.

Por isso, os sistemas vivos, psíquicos e sociais são irreduzíveis entre si. Em outras palavras, o orgânico não pode ser explicado pelo psíquico ou pelo social; o psíquico não pode ser explicado pelo orgânico ou pelo social; e o social não pode ser explicado pelo psíquico ou pelo orgânico.

## 4 A COMUNICAÇÃO DEFINIDA COMO OPERAÇÃO SOCIAL

Luhmann definiu a comunicação como a síntese de três seleções:

- informação específica;
- compartilhar essa informação com outra(s) pessoa(s) (*Mitteilung*); e
- perceber que alguém pretende compartilhar essa informação conosco (*Verstehen*) (1998, p. 140)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> No corpo do texto, não ofereci uma tradução dos termos em questão, mas uma descrição detalhada de cada um deles. Com isso, procuro oferecer aos leitores e leitoras um acesso mais conceitual do que terminológico ao vocabulário utilizado por Luhmann. Por uma questão de economia expositiva, utilizarei a seguir os termos em alemão, ou seja: *information* / *Mitteilung* / *Verstehen*. Assim, os leitores e leitoras podem reler a concisa explicação sempre que considerarem oportuno.

Com base nisto, o autor desenvolveu um modelo geral desta síntese:

[ *Information* / *Mitteilung* / *Verstehen* ]

Nesses termos, a comunicação é entendida como uma operação complexa, cuja unidade emergente se ordena da seguinte forma: uma seleção de "informação" (o tema da comunicação, aquilo sobre o que se deseja expressar) é inicialmente processada por um emissor (alter) que seleciona uma ação específica no mundo (*Mitteilung*) — que pode ser um gesto, uma locução oral ou escrita, difundida por telecomunicação ou codificada simbolicamente — para ser observada por um receptor (ego) específico a quem a ação é dirigida.

Assim a comunicação, enquanto unidade de reciprocidade ou de seletividade coordenada, não pode ser reduzida à mera emissão. Se o fizéssemos, esta tornar-se-ia unilateral, eliminando a necessidade do outro, da sua alteridade irreduzível, para que a comunicação seja social. Para evitar uma semelhante concessão — e a consequente redução — individualista, Luhmann salienta que a unidade social da comunicação requer que o ego aja à compreensão (*Verstehen*), o que implica o ego distinguir entre a ação do emissor no mundo dirigida a ele/a (*Mitteilung*) e a sua decodificação da informação. Há comunicação se, e somente se, o ego conseguir agir à compreensão.

Essa ideia está presente em várias passagens da obra de Luhmann, a exemplo: "Se si entende a comunicação como síntese de três seleções, como unidade de *information*, *Mitteilung* e *Verstehen*, ela se concretiza quando e na medida em que a *Verstehen* ocorre. Tudo o mais acontece 'fora' da unidade comunicativa elementar e pressupõe essa unidade" (Luhmann, 1998, p. 148).

Um aspecto interessante do conceito é que o tudo o mais que acontece "fora" da comunicação é sociologicamente irrelevante. Vejamos isso com mais detalhes. Ao se fechar sinteticamente, a unidade operacional de uma comunicação só poderá ser aceita ou

rejeitada por meio de uma nova comunicação que se refira à anterior. Por essa razão, Luhmann sustenta que a aceitação ou a rejeição é um momento de bifurcação de toda comunicação. Nenhuma delas é aceitável ou rejeitável em si: toda comunicação pode ser aceita ou rejeitada. Não há um fundamento sociológico necessário para que o curso da comunicação siga para um ou outro lado da bifurcação. Por tudo isso, a distinção aceitar/rejeitar é social, portanto, resulta crucial para a observação de como as comunicações se encaixam entre si, formando unidades e sequências sociais. A decisão de aceitar/rejeitar é uma seleção social, ela não faz parte da síntese da comunicação, ela está fora da unidade da comunicação. Inclusive, a recursividade das conexões entre comunicações gera um limite de sentido que possibilita a diferenciação do sistema social.

## 5 A DIFERENCIAÇÃO SOCIAL DOS SISTEMAS SOCIAIS

O conceito de comunicação não se limita a uma definição, ele estabelece a unidade de medida do social que possibilita o acesso sociológico ao mundo social e sua diferenciação em distintos planos ou níveis sociais, os chamados sistemas.

A diferenciação dos sistemas sociais (interação, organização e sociedade) não é oposta à unidade do social, pois todos estão baseados na mesma operação comunicativa. Não é difícil ilustrar esse aspecto do objeto sociológico: a comunicação. Basta visitar um parque ou uma praça em uma tarde movimentada, ou relembrar a última vez em que fizemos isso, para perceber rapidamente a enorme quantidade de interações (sistema social baseado na copresença) que coexistem e compartilham o espaço social. Nessa perspectiva, cada uma das interações é um sistema social diferente. Elas são, em sua maioria, indiferentes entre si e têm pouca ou nenhuma repercussão umas sobre as outras. Tratam de temas distintos, as contribuições dos participantes se diferenciam etc. Todos esses sistemas interativos se reproduzem por meio da mesma operação, mas o fazem seguindo

caminhos diferentes simultaneamente, como ocorre com as interações de um grupo de amigos que se reencontra depois de muito tempo.

As interações ocorrem simultaneamente, tendo pouca relação ou ligação entre si e atingindo um espectro temático imenso.

Um exemplo menos simples, mas igualmente importante, está nas organizações. As organizações constituem um tipo de sistema social caracterizado pela recursividade das decisões e pela estrutura de filiação, a composição como membro dela. Embora não tenhamos à mão um exemplo tão direto quanto olhar ou lembrar de uma praça cheia, é intuitivamente compreensível que cada organização é um sistema social diferente, sejam elas organizações econômicas, como empresas multinacionais, bancos, cooperativas de trabalhadores ou pequenos empreendimentos familiares; organizações políticas, como partidos políticos, agrupamentos de vizinhos ou organismos multilaterais etc.

Assim como as interações, os sistemas organizacionais se reproduzem simultaneamente por meio da mesma operação, mas por caminhos diferentes. O interessante é que as interações e as organizações estão localizadas no ambiente social umas das outras. Sendo assim, as interações irritam outras interações, bem como as organizações. Do mesmo modo, organizações irritam outras organizações, como ocorre, por exemplo, na concorrência, ela é apenas uma forma possível de irritação, que também afeta as interações.

Nos escritos tardios de Luhmann, os protestos também são considerados um tipo de sistema social. Eles têm uma unidade operacional distinta das interações e das organizações, pois não se trata apenas de copresença nem de decisões, mas envolvem reivindicações e exigências conflitantes. Como acrescenta Marco Estrada (2015), os protestos formam sistemas sociais graças à conflitualidade permanente e, não, apesar dela. Os sistemas de protesto se reproduzem por meio da recursividade da reivindicação conflituosa e da

manutenção de contradições. A reprodução do protesto também tem uma unidade operacional e ocorre no ambiente social das interações, das organizações e de outros protestos, que se irritam reciprocamente.

Por fim, Luhmann postula um sistema que abrange todas as comunicações possíveis e que não é abrangido por nenhum outro sistema social. A este, o autor alemão denominou "sociedade", sistema abrangente de todas as comunicações possíveis, que, notoriamente para a sociologia, também se situa no ambiente social das interações, das organizações e dos protestos, participando da dinâmica das coirritações comunicativas.

A característica predominante é que, diferentemente de outros sistemas sociais, a sociedade regula a distinção entre comunicação e não comunicação. Por essa razão, não possui um ambiente social externo, exceto outras sociedades entre as quais podem eventualmente se estabelecer "relações ecológicas", como sugere Rudolph Stichweh (2011).

## 6 AS IMPROBABILIDADES DA SÍNTESE E A EMERGÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

No início deste artigo, apontamos a associação difundida entre comunicação e dispositivos tecnológicos de telecomunicação. Uma vez expostos os fundamentos e as inovações do conceito de comunicação de Luhmann, é oportuno indicar suas contribuições especiais para a abordagem de questões relacionadas às tecnologias da comunicação. O ponto de partida aqui serão as improbabilidades da comunicação. Essa é outra contribuição interessante do autor para o tema.

Diferentemente das abordagens que partem da objetividade empírica dos fatos ou das ações sociais como garantia última da objetividade das conclusões, Luhmann propõe partir de sua improbabilidade. É importante ressaltar que o autor parte da improbabilidade da comunicação, não de sua negação. Ele a assume como uma operação do mundo, mas,

em vez de convertê-la em um dado objetivo que garanta a objetividade da disciplina, converte-a em um observável de alta improbabilidade, que supõe sua conformação como tal. Ou seja, ele não propõe convertê-la em um mero fato empírico que garanta outros níveis da ordem do discurso sociológico, mas interrogá-la intensamente para extrair os conhecimentos ocultos por trás da questão das condições de possibilidade de um evento do mundo que, por mais normalizado que seja, continua altamente improvável. Assim, Luhmann nos convida a investigar profundamente as condições de possibilidade da comunicação: "Como a comunicação é possível?".

O autor alemão detectou três improbabilidades na síntese da comunicação (Luhmann, 1998, p. 156). A primeira improbabilidade está associada ao entendimento, já que é muito improvável que alter e ego se entendam ao se comunicarem, além da sucessão de comunicações que pode resultar do desentendimento e da vontade de esclarecer as intenções comunicativas de cada um. A segunda improbabilidade está associada ao alcance das emissões e recepções de alter e ego, respectivamente. Basta colocar dois interlocutores em condições meteorológicas adversas para compreender a intenção de Luhmann. Acrescentemos a isso a distância no espaço e a separação no tempo também. Não se trata de gritar em voz alta, mas da alta improbabilidade enfrentada por toda comunicação ao buscar alcançar comunicantes separados por distâncias espaço-temporais inevitáveis. Por fim, a terceira improbabilidade está associada à consecução ou ao sucesso da comunicação, pois o autor ressalta que, mesmo superadas as improbabilidades mencionadas, não é de forma alguma provável que o ego aceite, sem mais, a proposta de sentido coordenado que lhe é feita pelo alter ego, e vice-versa, nas comunicações futuras.

A abordagem de Luhmann sobre as improbabilidades é complementada por outra proposta original: as improbabilidades não se esgotam em si mesmas, mas dão origem, no decorrer da comunicação, à formação de meios orientados especificamente para reduzi-las, e não para eliminá-las. Ou seja, o autor propõe uma abordagem evolutiva entre as

improbabilidades específicas da comunicação em geral e o surgimento de meios de comunicação especializados em cada uma delas.

Dessa forma, o autor defende que a improbabilidade do entendimento deu origem à formação do meio da linguagem (e não do sistema da língua). A linguagem reduz, mas não elimina, a improbabilidade de que o alter ego se entenda com o outro, no mínimo o indispensável para que a comunicação entre eles não se extinga imediatamente. Ele também afirma que as tecnologias de comunicação reduzem a improbabilidade de alcance entre emissões e recepções. Elas são capazes de formar meios de difusão ou propagação, ampliando o círculo e o número de possíveis receptores das comunicações. Luhmann não se limita às tecnologias modernas de telecomunicação. Além disso, a escrita e a imprensa ampliaram consideravelmente, por séculos,<sup>2</sup> o círculo de possíveis receptores das comunicações, e atualmente o meio digital emergente também o faz (Forte *et al.*, 2012). Por fim, a improbabilidade do sucesso é reduzida por meio da formação e da generalização de símbolos que orientam a comunicação para horizontes de sentido, os quais são alimentados por seleções e motivações que reordenam e recodificam as possibilidades de aceitação e rejeição, direcionando-as para as simbolizações. Luhmann os denominou "meios de consecução" e incluiu entre eles a magia, a moral e a religião, bem como os famosos "meios de comunicação simbolicamente generalizados", entre os quais se destacam o amor, o poder, o dinheiro, a verdade, o direito, a arte, a moral, a fé etc. Reiteramos: nenhum desses meios garante a aceitação ou o sucesso das propostas de sentido, pois, conforme mencionamos, toda comunicação enfrenta uma bifurcação em sua ligação com a seguinte e

---

<sup>2</sup> A título de exemplo, destacamos algumas características comunicativas da escrita que permitem dissociar as ações de escrita e leitura no tempo e no espaço. É que, quem escreve o faz em um determinado momento e em um determinado lugar. Enquanto, quem lê o que foi escrito, também lê em um determinado momento e em um determinado lugar. Ocorre que em ambas as ações (escrita e leitura) os momentos e os lugares costumam diferir na imensa maioria dos casos. No caso da escrita e seu suporte (pedras, papiros, pergaminos etc.), a síntese se realiza como uma unidade em dois tempos e lugares distintos, o que abre a possibilidade de alter ego que lê não ser, de forma alguma, o leitor que o escritor esperava.

pode ser rejeitada ou aceita. Sua contribuição para as relações não é gerar zumbis ou autômatos da aceitação da comunicação, mas reduzir as possibilidades de rejeição e orientá-las, juntamente com as possibilidades de aceitação, para a mediação de símbolos comunicativamente generalizados.

Para enfatizar a improbabilidade do sucesso que permanece subjacente a esses meios de consecução, é preciso sublinhar a improbabilidade dos símbolos generalizados. Basta questioná-los continuamente e com regularidade para notar não apenas sua contingência, mas também suas limitações diante da força geral da improbabilidade. Assim fez o Iluminismo com a capacidade de concretização do mito e da magia, e assim fazem hoje as notícias falsas com a verdade científica ou o conhecimento.

## REFERÊNCIAS

- ESTRADA SAAVEDRA, Marco. **Sistemas de protesta**: Esbozo de un modelo no accionalista para el estudio de los movimientos sociales. Tomo I. México D.F.: CES-COLMEX, 2015.
- FORTE, Miguel Ángel; PIGNUOLI OCAMPO, Sergio; CALISE, Santiago; PALACIOS, Matías. Las TIC como problemática de la teoría sociológica. **Entramados y perspectivas**, v. 2, n. 2, p. 205-226, 2012.
- LUHMANN, Niklas. **Sistemas sociales**: Lineamientos para una teoría general. México D.F.: Anthropos; Iberoamericana, 1998.
- LUHMANN, Niklas. **El arte de la sociedad**. México: Herder, 2005.
- LUHMANN, Niklas. **La sociedad de la sociedad**. México: Herder, 2007.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **El árbol del conocimiento**: Las bases biológicas del entendimiento humano. Buenos Aires: Lumen, 2003.
- STICHWEH, Rudolph. La teoría evolucionista y la teoría de la sociedad mundial. In: TORRES NAFARRATE, Javier; RODRÍGUEZ M., Darío (ed.). **La sociedad como pasión**: Aportes a la teoría de la sociedad de Niklas Luhmann. México D.F.: Iberoamericana, 2011. p. 89-108.